Onde vilãs e princesas se misturam: discursos de gênero e a produção de feminilidades, a partir de uma cena do filme Cinderela dos Estúdios Disney, 2015

Olívia Pereira Tavares
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Palavras-chave: Cinema; Contos de Fada; Feminilidades; Pedagogias culturais.

RESUMO EXPANDIDO

O presente trabalho busca analisar, por meio da interface comunicação e educação, como os contos de fada produzidos pelo cinema podem produzir e reproduzir certos discursos normativos que delimitam as possibilidades de ser e estar no mundo, mantendo lógicas binárias, excluindo o diferente, o outro. Desde a concepção, são colocadas expectativas de gênero e vão sendo delineados os modos de ser menino/menina. A partir daí, somos interpelados e reiterados por uma lógica heteronormativa "naturalizada", em que se deve vivenciar o gênero em conformidade com o sexo que o sujeito foi concebido.

O cinema é instigante e tem, dentre suas características principais, a mensagem subliminar, a possibilidade de diferentes interpretações, além de confundir o espectador entre ficção e realidade (ALVES, 2011, 45). Com o desenvolvimento deste meio de comunicação, foi sendo introduzida a ideia de contar histórias, baseada em um roteiro e com a existência de personagens, buscando um processo de identificação entre imagens produzidas e como o espectador as recebe. A necessidade de exuberância acaba por tomar as imagens como realidade e possibilita vivenciar experiências.

A relevância desse estudo está relacionada com os processos de midiatização, que, por meio de contos de fada, contribuem para a formação da diferença de gênero, através de uma infinidade de pedagogias culturais pelas quais somos interpelados a todo instante. Considera-se que o conceito de pedagogias está em constante mutação e, apesar das discussões acerca da insuficiência do conceito de pedagogias culturais, porque toda pedagogia seria produzida pela cultura, o termo refere-se a práticas culturais extracurriculares. Além disso, oferecem subsídio aos investimentos que vão oferecer sentidos e moldar/sugerir experiências, urdir vidas cotidianas, atravessar os múltiplos artefatos tendo em vista a produção de sujeitos que se associam ao consumo de tudo que circula no referido complexo (CAMOZZATO, 2014). O cinema é um exemplo dessas pedagogias e, por meio de contos de fada, produz fantasias com castelos, príncipes

encantados, magia e finais felizes. Um mergulho em um mundo de fantasia que irá deixar marcas de sua influência na vida adulta.

O objetivo do trabalho é analisar na cena do filme Cinderela, datado de 2015, a percepção dos discursos de bem e mal, configurados nas personagens de Ella e sua madrasta, propondo distintas maneiras de manifestação das feminilidades. Pela escolha de algumas cenas específicas do filme, será analisado como os personagens se expressam em contraposição, de um modo em que apenas um terá o tal "felizes para sempre". Para tanto, a referência ao desenho animado produzido em 1950, com mesmo título, pode ser efetivada, para comparar se há determinadas renovações ou manutenção de discursos sobre o feminino. Os estúdios Disney produziram para o cinema múltiplas releituras de diversos contos de fada. Estes fabricam um projeto de felicidade, pautado nos diferentes comportamentos das personagens e que definirão o destino das mesmas. Além disso, pautam toda a realização das personagens a partir do amor romântico, simbolizado no casamento e da formação da família heteronormativa.[12]

A questão a ser problematizada é como contos de fada e o filme elencado para este trabalho potencializam discursos de feminino através de um antagonismo de bem e mal? Existem, no desenho animado Cinderela de 1950 e no filme de mesmo título produzido em 2015, diferentes manifestações de feminilidades?

O recorte do objeto visa a perceber como são construídos os discursos antagônicos de feminilidades através de uma cena contida na releitura do filme Cinderela, produzido pelos Estúdios Disney em 2015 e dirigido por Kenneth Branagh, relacionando com o desenho animado, de mesmo título e do mesmo estúdio, de 1950. A cena contemplada nesta análise inicia em 6'34'', no luto dos personagens de Ella e seu pai pela morte da mãe e esposa e vai até os 10'10'', com a chegada da Madrasta e as irmãs postiças em sua nova residência.

O gênero produz uma falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, os quais se opõem como todas as oposições binárias do pensamento ocidental: macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino. Para esta análise, o antagonismo será pautado em bem x mal, que caracteriza as personagens femininas dentro desta perspectiva e todo um discurso que

[12] Faço referência ao gênero contos de fada produzidos pelos Estúdios da Disney, desde seu primeiro longa, em 1939, Branca de Neve e Sete anões, desenho animado que traz a primeira Princesa, inaugurando a sequência de produções que exaltam tal figura. Recentemente, as produções realizadas pelo mesmo estúdio quebraram a lógica do casamento como desfecho de felicidade, em títulos como Valente, Frozen e Malévola.

leva à manutenção da tal ordem compulsória. Para Judith Butler (2014), em nossa sociedade estamos diante de uma "ordem compulsória", que exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática, que são obrigatoriamente heterossexuais.

O aporte teórico-metodológico foi pautado por estudos pós-estruturalistas, estudos culturais e estudos de gênero, enfocando as performances femininas das personagens elencadas para este estudo. A metodologia utilizada foi a análise fílmica, pautada, principalmente, em Jacques Aumont e Michel Marie. Para isso, alguns passos são necessários, como a contagem dos planos da cena, percepção das cores e sons e movimentos da câmera. Previamente, foi realizada uma contextualização do cinema no período em que as obras foram produzidas, assistidos os filmes, escolhidas as cenas que seriam analisadas, relatadas as impressões relativas às imagens, para que, assim, fossem realizadas as análises.

Os Estúdios Disney são responsáveis por eternizar contos de fada e, mesmo com novas produções, releituras, os desenhos animados com esta temática continuam em voga, transformando esses títulos em clássicos atemporais e presentes em diferentes contextos. No entanto, carregam signos e discursos do contexto em que foram produzidos, necessitando ser renovados.

A manutenção e/ou mudanças na ordem social ocorre por meio de atos, gestos e signos que se repetem no âmbito cultural e é possível vislumbrar as permanências e modificações propostas na construção dos diferentes discursos de feminilidade pela inferência de cenas do desenho animado de 1950, em comparação com o filme de mesmo título, Cinderela, de 2015.

Referências

ALVES, Márcia Nogueira; FONTOURA, Mara; ANTONIUTTI, Cleide Luciane. **Mídia e produção audiovisual:** uma introdução. 2ª Edição. Curitiba, Ibpex, 2011.

AUMONT, Jacques & MARIE, Michel. **A análise do Filme.** 3ª Edição. Lisboa: Texto e Grafia, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e Subversão da Identidade. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CAMOZATTO, Viviane Castro. **Pedagogias do Presente.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

FRIEDERICHS, Marta. **Quanto mais quente melhor:** corpos femininos nas telas do cinema. 2015. 207 f. (tese de doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

RUDIGER, Francisco. **O Amor e a Mídia:** problemas de legitimação do Romantismo Tardio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

VANOYE, Francis & GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a Análise Fílmica**. 7ª Edição. Campinas, SP: Papirus Editora, 2012.

CINDERELA. Direção: Clyde Geronimi, Wilfred Jackson, Hamilton Luske. Estados Unidos: Walt Disney, 1950. (75 min.)

CINDERELA. Direção: Kenneth Branagh. Estados Unidos, Walt Disney, 2015. (105 min.)